



Leonardo Affonso de Miranda Pereira. **Footballmania - Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

por Elio Gaspari

Uma beleza de livro, sobre um grande assunto, que a erudição do autor transformou num retrato da sociedade do período. Em pouco mais de 30 anos, um jogo de ingleses e grã-finos brancos transformou-se numa paixão popular, para desgosto de alguns dos seus primeiros admiradores. Dois negros tornaram-se heróis nacionais, numa época em que a Europa via a sacralização do mito ariano.

Miranda Pereira começa seu estudo em 1902, quando a bola já tinha chegado ao Brasil. Nesse ano jogou-se no Rio Cricket Club um "match de foot-ball" em homenagem à coroação de Eduardo VII da Inglaterra e, acima de tudo, fundou-se o Fluminense.

Anos depois, quando o esporte dos grã-finos começou a ganhar popularidade, começaram as reclamações. Em 1906, em tese defendida na Bahia, um médico reclamava: o "foot-ball" só devia ser praticado pela "mocidade mais preparada". Além disso, percebia-se, ainda em 1910, que aquele jogo de bola estava subvertendo a hierarquia social. Qualquer um podia jogá-lo, mas logo o Club Sportivo dos Liberais, informava que aceitaria um número ilimitado de sócios de todas as nacionalidades, "exceto pessoas de cor". Na outra ponta, o Bangu, formado em torno de uma fábrica, tinha operários e negros no seu time. Em 1906 o negro Paulino jogava no Botafogo. Foi Carlos Alberto, do Fluminense, quem deu apelido ao clube. Chamado de "mulato pernóstico" entrou em campo com o rosto empoado. Suou e a pasta derreteu-se. Daí veio o "pó de arroz".

Fez-se de tudo para impedir que a choldra jogasse bola na rua, que os negros entrassem em campo. Depois, para mantê-los longe das sedes sociais dos clubes.

Creriosamente ilustrado, o livro do professor Miranda Pereira (Unicamp) é uma exibição de competência. (Ele achou o escritor Coelho Neto, de chapéu, terno branco e bengala, no Fla-Flu de 1917 e resgatou os ataques que Lima Barreto fazia à sua visão plutófila do jogo.) Pesquisou atas de clubes, coleções de jornais e arquivos particulares. Num assunto em que as novidades são quase sempre produto de bibliografias requentadas, ele foi buscar a história da vitória do futebol sobre o preconceito. Tanto o preconceito do andar de cima, que a certa altura quis conter a popularidade do futebol, quanto da esquerda anarquista, que não via com bons olhos e felicidade dos operários que ficavam jogando bola em vez de batalhar pela revolução.

Emociona ler a entrada em campo (da história do Brasil, muito mais que do futebol) de Leônidas e Domingos da Guia, a quem o professor dedicou o livro.

Elio Gaspari

*Publicado na UOL/ Livros em Português
Sexta-feira, 01 de setembro de 2000.